

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
19 e 22 de Novembro de 2021
SIAMO DONNE - DIVAS DO CINEMA ITALIANO
em colaboração com a Festa do Cinema Italiano

LA PROVINCIALE / 1953 A Provinciana

Um filme de Mario Soldati

Argumento: Giorgio Bassani, Sandro di Feo, Jean Ferry e Mario Soldati, a partir do "romance breve" epónimo de Alberto Moravia, incluído no volume "L'Imbroglia" (1937) / *Diretores de fotografia* (35 mm, preto & branco): G. R. Aldo, Domenico Scala / *Cenários:* Flavio Mogherini / *Figurinos:* Piero Gherardi / *Música:* Franco Mannino; trechos de Beethoven ("32 Variações" para piano) e Chopin / *Montagem:* Leo Cattozzo / *Som:* Eraldo Giordani / *Interpretação:* Gina Lollobrigida (*Gemma Foresi*), Gabriele Ferzetti (*Professor Franco Vagnuzzi*), Alda Mangini (a "Condessa" *Elvira Coceanu*), Franco Interlenghi (*Paolo Sertori*), Nana Primavera (a mãe de *Gemma*), Renato Baldini (*Luciano, o amante de Gemma*), Marilyn Buford (*Anna Sertori*), Barbara Berg (*Vannina*), Vernon Jarrat (*o cliente de Gemma quando esta se prostitui*) e outros.

Produção: Electra Compagnia Cinematografica / *Cópia:* da Cineteca Nazionale (Roma), 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 114 minutos / *Estreia mundial:* Turim, 20 de Fevereiro de 1953 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Tivoli), 10 de Janeiro de 1955 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

La Provinciale, filme cheio de contradições, foi um degrau importante nas carreiras de Mario Soldati e Gina Lollobrigida. Nascido em Turim, berço do cinema italiano, ativo como realizador de 1938 a 1959, Soldati (1906-99), foi talvez o mais intelectual dos cineastas italianos antes do surgimento de Pier Paolo Pasolini, que quando abordou o cinema já era um escritor consagrado. Soldati publicou aos dezoito anos uma tragédia em três atos, aos vinte e dois um livro de contos, além de um romance e um livro de reportagens antes de completar trinta anos e continuou a escrever e publicar livros e artigos pela vida fora. Durante a Segunda Guerra Mundial ele foi talvez o nome mais importante entre os chamados cineastas *caligráficos* italianos, cujos dramas "de época" tinham uma *mise en scène* absolutamente impecável, como **Malombra** e sobretudo **Piccolo Mondo Antico**, objeto cinematográfico elegante e de enorme beleza. Mas em 1951-52 Soldati realizou de enfiada nada menos de cinco filmes "comerciais", destinados em parte ao público juvenil e em parte às plateias populares (**O.K Nerone**; **Le Avventure di Mandrin**; **Il Sogno di Zorro**; **I Tre Corsari e Iolanda, la Figlia del Corsaro Nero**) que fizeram baixar radicalmente o seu prestígio junto à crítica. Para ele, **La Provinciale** foi, pelo menos em parte, um *career move*, para restabelecer o equilíbrio no seu percurso e na sua imagem. Quanto a Gina Lollobrigida, trata-se do seu décimo-sexto filme (já tinha trabalhado com realizadores como Pietro Germi, Christian-Jaque, Alessandro Blasetti e René Clair), mas apenas o quarto em que tem o papel principal, com a peculiaridade de não ter de expor as suas carnes, como já o fizera, com humor e de modo quase paródico, em **Fanfan la Tulipe** e **Belles de Nuit**. Pediram-lhe aqui não uma bem-humorada e sensual presença mas um verdadeiro desempenho de atriz, na pele de um personagem que não sai de uma história de fantasia mas se parece de facto a uma italiana de província dos anos 50, presa na teia mesquinha de todas as províncias. Este foi também o primeiro filme em que ela não foi dobrada. Numa entrevista de 1964, o realizador conta que foi difícil convencê-la, pois a atriz, "de temperamento cauteloso e desconfiado, temia um fiasco que arruinasse a sua reputação, que estava a crescer. Mas saiu-se muitíssimo bem". Esta também foi a opinião, à época, da mais séria revista italiana de cinema, **Bianco e Nero**, que considerou que Lollobrigida "tem sem dúvida o melhor desempenho do filme e consegue dar uma aparente coerência exterior a alguns momentos particularmente delicados". Quanto ao que se pensou do trabalho de Soldati, Attilio Bertolucci (pai do cineasta e um dos grandes nomes da literatura italiana do século XX) escreveu que "congratulamo-nos com Mario Soldati pela sua **Provinciale**. Já não seremos forçados a dizer que ele é «um dos melhores narradores» e, depois de um suspiro, «um dos piores realizadores italianos». Ele que, bem consciente da mediocridade dos seus últimos filmes, divertia-se em difamar todo o cinema, dizendo que era uma «arte menor», para escândalo de alguns, entre os quais me incluo". Analisando a *mise en scène* de modo mais específico, o crítico Lamberto Secchi observou que "do velho Soldati

permanecem neste filme certas complacências estilísticas, que não lamentamos porque não são amaneiradas (cenários interiores atulhados de coisas, a tentação de mostrar os personagens diante de espelhos, a tentação de dispô-los como elementos de uma composição pictórica, o uso emocional de certos rumores e sons); e veio acrescentar-se uma extrema seriedade narrativa e a severa presença humana que o neo-realismo ensinou até ao próprio Soldati, embora ele sempre tenha sido totalmente estranho a este movimento”.

As contradições do filme, que adapta um “romance breve” de Alberto Moravia, vem do facto da história narrada conter diversos elementos melodramáticos, quando não de dramalhão puro e simples: a descoberta que o homem por quem a protagonista está apaixonada ser meio-irmão dela; o facto dele ser o médico que vem socorrer a mulher a quem ela deu uma facada; o facto dela se entregar ao professor, o que torna o casamento de ambos inevitável; uma “condessa” romena proxeneta e chantagista (encarnada por uma atriz cómica, parceira de Totò, o que poderia tornar o seu personagem pouco convincente); um cliente de bom coração quando a mulher é forçada a se prostituir; uma pulseira que não é de ouro mas de pechisbeque; uma facada à mesa do jantar; a constatação pela mulher de que, sob a sua aparente frieza, o seu marido (cientista de nível internacional) tem bom coração; a descoberta de tudo e o perdão final. Porém apesar de todos estes elementos que não destoariam num melodrama mexicano dos anos 40, o tom de **La Provinciale**, com a sua estrutura em flashbacks, numa narrativa que consiste numa confissão da mulher ao marido, impedem que haja o menor laivo de melodrama, ou seja, de possibilidade de ridículo. A sequência de abertura, antológico exemplo de *mise en scène* clássica, expõe com notável concisão e falsa simplicidade o contexto provinciano e o drama da provinciana que é o personagem titular. Vemos da rua o interior da sala de estar de um apartamento, onde uma mulher senta-se ao piano e começa a tocar as *32 Variações* de Beethoven. A câmara recua, outra mulher sai do edifício enquanto a música continua e embora a vejamos de costas e de longe, sabemos com toda a certeza que se trata de Gina Lollobrigida. No seu breve e rápido percurso pelas ruas da cidade podemos ver num relance e sem que haja uma palavra de diálogo o contexto de prosperidade, beleza arquitetónica e estreiteza mental daquela cidade, que nunca é nomeada (estas sequências foram rodadas em Lucca). A descoberta que a pulseira de ouro que ela quer vender é falsa e não vale nada dá-nos um primeiro indício do drama que ela vivera e de que aquela pulseira, que simbolicamente tem algo de algema, é o símbolo. A estrutura narrativa em longos flashbacks faz sobressair as etapas principais do drama e Soldati trata cada uma delas com o mesmo esmero da sequência de abertura: a incursão da mulher na grande burguesia a que pertence o homem que ama e que ela ainda não sabe que é seu irmão; o seu regresso à pensão materna, à sua realidade social, quando tem de ceder o seu antigo quarto ao novo inquilino; a magnífica sequência em que ela e o seu futuro marido se entregam um ao outro, num movimento recíproco imperceptível (tudo começa com um copo de água e acaba na cama, num quarto que as cortinas mergulham na sombra enquanto o calor e as férias esvaziaram a cidade), em que o calor da rua responde e corresponde ao calor dos corpos, passagem a que Attilio Bertolucci chama a “*sequência de Ferragosto*” (o dia 15 de Agosto, ponto culminante do Verão), com “*um abraço que acabará num casamento precipitado, um grande, belo e insólito momento de cinema, que vibra e permanece como uma nota musical aguda e intensíssima*”; todo o episódio em que a mulher frequenta um amante, sempre no espaço fechado, atulhado da casa da “condessa”, de modo a acentuar o especto clandestino dessa relação. É no desenlace, nos derradeiros momentos do filme, que Soldati mostra a que ponto é um estilista, com uma ideia magnífica, mas de tal modo discreta que alguns espectadores talvez não se apercebam. Na sequência de abertura, uma vizinha anónima põe-se a tocar as *32 Variações* de Beethoven, que voltamos a ouvir em alguns trechos da ação, ao longo da relação da mulher com os três homens. No ponto final do filme, depois da expulsão da chantagista e da reunião definitiva do casal, ouvimos as últimas notas da peça de Beethoven, que vêm pôr um ponto final ao filme, como um comentário, depois de ter-lhe servido de abertura. **La Provinciale** prova, se preciso fosse, que é a realização que faz a identidade de um filme, não a sua trama narrativa propriamente dita e também indica que Gina Lollobrigida tinha capacidades de atriz com as quais a sua rival Sophia Loren nunca pôde sonhar, por mais que o seu marido produtor tenha se esforçado em provar o contrário.

Antonio Rodrigues